ESPERANÇA SEM CRENÇA: ESPIRITUALIDADE LAICA EM *FAITHLESS*, DE NEIL PEART, À LUZ DE ANDRÉ COMTE-SPONVILLE

João Carvalho[1]

Resumo

Este artigo analisa a espiritualidade laica em *Faithless*, canção do Rush com letra de Neil Peart, à luz de André Comte-Sponville. Com base em pesquisa bibliográfica e na análise das imagens de orientação, equilíbrio e resistência presentes na letra, examinamos como a canção relaciona descrença e responsabilidade moral. O estudo mostra que a recusa da crença religiosa não leva ao niilismo, mas sustenta uma ética baseada na fidelidade a valores, na autonomia e na responsabilidade. Concluímos que esperança, amor e resistência formam uma maneira de perseverar sem depender de uma promessa de salvação sobrenatural.

Palavras-chave: Autonomia moral. Humanismo ético. Música e religião. Fidelidade. Resistência.

1 INTRODUÇÃO

Uma bússola cabe na palma da mão, mas pode carregar uma pergunta maior do que o objeto que a abriga. Em *Faithless*, Neil Peart entrega à voz poética instrumentos modestos para uma tarefa difícil: uma estrela que orienta, um nível que mede inclinações e imagens da natureza que ensinam a suportar a pressão. Não há revelação, providência ou promessa de proteção. Ainda assim, a canção não se rende ao vazio. Recusa a crença religiosa como autoridade final, preserva uma direção moral e reconhece no amor uma razão para continuar. É nesse intervalo entre a negativa e aquilo que sobrevive a ela que a letra interessa às

[1] Jornalista, com especialização em cinema e audiovisual, e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-6793-308X. E-mail: jcarvalho2112@gmail.com

Ciências da Religião e ao debate teológico.

A leitura parte de O espírito do ateísmo, de André Comte-Sponville, especialmente da distinção entre fé e fidelidade, da autonomia moral e da possibilidade de uma espiritualidade sem Deus. A referência teórica, porém, não substitui a análise da canção. Nossa hipótese é que *Faithless* articula um humanismo ético no qual a ausência de crença sobrenatural não elimina critérios, vínculos ou responsabilidade. A autonomia não significa inventar valores conforme a conveniência, mas julgar, corrigir o rumo e responder pelas próprias escolhas sem entregar a consciência a uma autoridade externa.

O objetivo é compreender como *Faithless* constrói uma orientação moral e espiritual sem fundamento religioso transcendente. Adotamos abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e análise das principais metáforas da letra original. O relato autobiográfico de Peart será usado apenas como fonte complementar, depois da análise da voz poética, evitando identificar automaticamente autor e eu lírico. Procuramos mostrar que a canção não oferece uma teologia alternativa, mas apresenta uma experiência de sentido que nasce fora de seus limites institucionais e merece ser escutada.

2 Espiritualidade sem Deus, fidelidade e autonomia moral

"Não tenho fé na fé. Não creio na crença" (Peart, 2007, tradução nossa). A abertura do refrão recusa a crença quando ela se converte em garantia de verdade e autoridade sobre a consciência. Isso, porém, não encerra a experiência espiritual. "Falar de uma espiritualidade sem Deus não é, por conseguinte, nada contraditório" (Comte-Sponville, 2007, p. 132). A questão deixa de ser a procura de uma religião substituta e passa a ser como uma vida sem Deus ainda pode acolher profundidade, abertura e sentido.

Na canção, esse deslocamento ganha corpo em objetos concretos e imagens da natureza. A orientação não chega de um além sobrenatural,

mas é procurada na consciência, numa estrela observável, num instrumento de medida e nas formas pelas quais pedra, árvore, floresta e flor atravessam pressões maiores do que elas. A imanência obriga a encontrar espessura no mundo que habitamos. Moral e espiritualidade se tocam sem se confundirem: bússola e nível ajudam a julgar rumos; silêncio e natureza situam o sujeito diante de uma realidade que não controla.

A distinção entre fé e fidelidade oferece o eixo mais preciso para essa leitura. "A fidelidade é o que resta da fé quando a perdemos. [...] A fé tem por objeto um ou vários deuses; a fidelidade, valores, uma história, uma comunidade" (Comte-Sponville, 2007, p. 29). A voz poética pode abandonar uma autoridade sobrenatural e continuar ligada a critérios, compromissos e relações. A descrença, portanto, não se converte em indiferença: o sujeito procura direção, identifica formas de manipulação e escolhe resistir. *Faithless* responde ao dogmatismo com uma ética que precisa ser sustentada sem a segurança de uma ordem absoluta.

A expressão bússola moral própria não anuncia uma moral fabricada por um eu soberano. Uma bússola funciona porque existe um campo de referência anterior ao viajante, embora sua leitura dependa de quem a segura. Do mesmo modo, a autonomia da canção reúne herança, exame crítico e responsabilidade. O sujeito recebe linguagens e valores, mas não entrega a ninguém o direito de decidir em seu lugar. O que é próprio não é a origem dos critérios, e sim a responsabilidade de responder por eles.

Essa autonomia se condensa numa formulação de Comte-Sponville: "A moral é autônoma, mostra Kant, ou não é moral" (2007, p. 46). Não se trata de um passe livre à consciência, mas do encargo de responder pelo que se faz, inclusive quando se erra. A canção retira da fé o monopólio da orientação e coloca nas mãos da voz poética instrumentos que exigem leitura, correção e escolha. Sem garantia de infalibilidade, a responsabilidade se torna mais visível.

Essa leitura também delimita a crítica religiosa. Faithless não precisa ser tomada como ataque genérico às pessoas que creem, mas como

resistência a vozes que pretendem substituir a consciência alheia. O problema começa quando a convicção vira tutela e o sermão deixa de participar do debate para exigir submissão. O ponto comum possível entre fé e descrença é a liberdade de consciência.

3 BÚSSOLA MORAL, NÍVEL DE BOLHA E LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

Uma bússola não decide por quem a carrega. Ela mostra uma direção e deixa ao viajante o risco do percurso. Por isso, a voz poética declara "Tenho minha própria bússola moral para me orientar" (Peart, 2007, tradução nossa). O sujeito não afirma que qualquer rumo serve; assume que escolher um caminho significa responder por ele. A metáfora desloca a moral da obediência para o discernimento: é preciso interpretar sinais, considerar consequências e revisar a posição quando o percurso revela um desvio.

A estrela amplia a mesma lógica. "Uma estrela-guia vale mais que um espírito no céu" (Peart, 2007, tradução nossa). A direção continua carregada de sentido, mas é procurada no mundo visível. A estrela orienta sem falar, prometer proteção ou exigir submissão. Ela oferece uma referência que precisa ser lida a partir da posição concreta do viajante e não ocupa o lugar de quem deve caminhar.

Na segunda estrofe, a metáfora ganha maior precisão com a expressão "*spirit level*"[2] (Peart, 2007). Em inglês, o termo designa o nível de bolha, instrumento usado para verificar equilíbrio e inclinação. Peart converte uma expressão técnica numa imagem de discernimento. Em lugar de uma resposta pronta, surge uma ferramenta que torna o desvio observável e permite correções. A escolha continua humana e falível, mas não é arbitrária. O nível não declara o destino correto. Ele mostra que uma superfície está inclinada e obriga quem o utiliza a decidir o que fazer com essa informação.

[2] A expressão inglesa *spirit level* designa o nível de bolha. A palavra *spirit* também significa espírito, o que cria um jogo entre orientação espiritual e instrumento de aferição. As traduções dos versos citados são nossas.

Bússola, estrela e nível formam, assim, três instrumentos simbólicos: direção, horizonte e calibração. Nenhum oferece certeza total. Juntos, descrevem a autonomia como prática contínua de orientação e correção. O verso sobre a escolha que conduz "para cima ou para baixo" (Peart, 2007, tradução nossa) preserva uma linguagem vertical associada à religião, mas a transforma em avaliação de consequência e qualidade do rumo. O espírito deixa de ser uma voz do alto e passa, no trocadilho de *spirit level* a designar a capacidade de aferir a inclinação da própria vida.

O discernimento se torna mais urgente quando surgem as vozes que pregam e gritam. A letra observa que "vasos vazios ressoam tão alto" (Peart, 2007, tradução nossa), associando falta de conteúdo e excesso de volume. O problema não é apenas o que essas vozes dizem, mas a tentativa de transformar intensidade em autoridade. A resistência silenciosa começa aí, como recusa de uma disputa em que falar mais alto pretende valer como argumento.

A canção situa os enganadores "no templo e no mercado" (Peart, 2007, tradução nossa), sem transformar toda religião em fraude ou todo comércio em exploração. A aproximação indica que nenhuma instituição está imune ao interesse e ao poder de definir o caminho alheio. "O interesse também nos liga, especialmente numa sociedade mercantil; não é um motivo para sacralizá-lo, nem para fazer do mercado uma religião" (Comte-Sponville, 2007, p. 22). Assim, abandonar uma autoridade religiosa não basta: é preciso reconhecer também formas seculares de obediência.

As vozes tentam desviar o sujeito, "algumas por meio de sermões, outras pela força" (Peart, 2007, tradução nossa). A crítica não é à existência de convicções religiosas, políticas ou morais, mas à pretensão de tomar para si a consciência dos demais. A autonomia estabelece esse limite sem transformar o indivíduo em medida absoluta e protege tanto o direito de crer quanto o de não crer.

Até aqui, a análise permanece no plano da voz poética. Como apoio complementar, O ciclista mascarado mostra continuidade temática quando

Peart afirma a decisão de "viver minha própria vida como acredito que deva ser, e não como me mandam os guias assim autoproclamados" (2016, p. 143). A passagem não transforma cada verso em confissão autobiográfica, mas reforça a recorrência da recusa da tutela em sua escrita. Bússola, estrela e nível de bolha compõem uma pequena caixa de ferramentas laica baseada em atenção, responsabilidade e correção do rumo.

4 RESISTÊNCIA SILENCIOSA, ESPERANÇA E AMOR

Escolher uma direção não basta. É preciso sustentá-la quando chegam correnteza, vento, inverno e aridez. A resposta recorrente da canção aparece na decisão "resistirei em silêncio" (Peart, 2007, tradução nossa). O verbo no futuro tem o tom de um compromisso: a resistência não é vitória conquistada, mas uma promessa que o sujeito terá de realizar diante das forças que tentam deslocá-lo.

A letra constrói essa resistência com imagens da natureza. A pedra no rio e os penhascos diante do oceano sugerem firmeza; salgueiros e floresta mostram a capacidade de se curvar sem desaparecer; a flor que desabrocha à noite acrescenta persistência discreta. Não há um único modelo de coragem. A pedra não derrota o rio, o salgueiro não interrompe o vento e a floresta não cancela o inverno. Cada imagem reconhece uma força maior e encontra uma maneira de continuar. Resistir, portanto, não é dominar o mundo, mas sustentar uma postura possível dentro dele.

Há algo significativo numa canção de rock que escolhe o silêncio como resposta. "O que chamo de silêncio [...] não é a ausência de ruídos mas de palavras" (Comte-Sponville, 2007, p. 159). Na letra, a voz poética nomeia sua posição, mas se recusa a responder à imposição com o mesmo barulho. De um lado estão vozes que pregam, gritam e ressoam; de outro, uma resistência que não precisa anunciar continuamente a própria firmeza. O silêncio preserva atenção e cria um intervalo para que a escolha não seja mera reação.

A natureza também impede que essa espiritualidade se reduza a um mergulho solitário no eu. Pedra, salgueiro, penhasco, floresta e flor existem entre correnteza, vento, oceano, inverno e aridez. A autonomia deixa de ser autossuficiência e passa a ser uma maneira responsável de ocupar um lugar. A interioridade permanece, mas é testada pelo contato com aquilo que não se submete à vontade.

A esperança abre a tensão mais produtiva do artigo. A voz afirma que "ainda me agarro à esperança e acredito no amor" (Peart, 2007, tradução nossa). Agarrar-se não é possuir: o gesto sugere risco, fragilidade e esforço. O advérbio ainda indica que a esperança sobreviveu à perda da crença e às pressões que poderiam tê-la destruído. Não é a esperança de quem espera proteção sobrenatural, mas aquilo que permanece depois da recusa.

Comte-Sponville, porém, desconfia da esperança quando ela desloca o desejo para aquilo que não depende da ação e transforma o presente numa espera:

> Desejar o que depende de nós (querer) é proporcionar-se os meios de fazê-lo. Desejar o que não depende (esperar) é condenar-se à impotência e ao ressentimento. [...] Não é a esperança que faz agir [...], é a vontade. Não é a esperança que liberta, é a verdade. Não é a esperança que faz viver, é o amor (Comte-Sponville, 2007, p. 56).

A divergência é real, mas *Faithless* organiza esperança em outra gramática. A letra é marcada por verbos de decisão: o sujeito orienta, mede, escolhe e resiste. Sua esperança não substitui esses movimentos nem espera intervenção divina; acompanha uma prática já em curso. Por isso, pode ser lida como perseverança poética: mantém o futuro aberto sem prometer vitória. Não é idêntica à vontade, pois se dirige a uma possibilidade ainda não realizada, mas também não é o oposto da ação, porque acompanha a decisão de permanecer.

A proximidade com Comte-Sponville aumenta quando o refrão une esperança e amor. A voz poética declara "acredito no amor" e conclui "E isso é fé suficiente para mim" (Peart, 2007, tradução nossa). A palavra fé retorna sem nomear submissão a um dogma ou certeza sobre o invisível.

Torna-se confiança humana, limitada e vivida no presente. O amor impede que a perseverança se feche em obstinação, que a autonomia vire isolamento e que a liberdade se converta em indiferença.

O relato autobiográfico amplia esse horizonte sem decidir o sentido da canção. "Acredito na Vida", afirma Peart, acrescentando que "a arte dá uma profundidade espiritual para a existência" e que é capaz de "adorar a Natureza" (2016, p. 142). A crítica à religião organizada, portanto, pode coexistir com uma linguagem de profundidade deslocada para a vida, a natureza, a arte e os vínculos humanos.

Resistência, esperança e amor formam o núcleo afirmativo de *Faithless*. O silêncio protege a consciência do ruído alheio, a natureza oferece formas de duração, a esperança mantém o futuro aberto e o amor dá conteúdo ético à permanência. A canção não promete salvação nem reconstrói a certeza que recusou. Seu gesto é continuar sem garantia sobrenatural, sustentando escolhas que precisam valer pelo modo como afetam esta vida e as pessoas que a compartilham.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que orientou este artigo foi o que permanece quando a crença religiosa deixa de oferecer a direção da vida. A análise de *Faithless* à luz de André Comte-Sponville mostrou que, para a voz poética, não permanece o vazio. Permanecem critérios morais, responsabilidade pelas escolhas, disposição para resistir, abertura ao futuro e vínculo com os outros. A canção recusa a crença como autoridade sobre a consciência, mas não abandona a busca por uma vida justa e significativa.

A distinção entre fé e fidelidade permite compreender a bússola moral e o *spirit level* como imagens de uma consciência que procura orientação sem mandamento sobrenatural. Essa autonomia não torna todas as direções equivalentes: inclui a possibilidade de errar, a necessidade de corrigir o rumo e a responsabilidade pelo caminho escolhido. As imagens da natureza

acrescentam firmeza e flexibilidade, enquanto a resistência silenciosa preserva a direção sem reproduzir o barulho das certezas impostas.

A esperança permanece como a maior tensão com Comte-Sponville, mas a letra a aproxima da perseverança e da ação. O amor impede que autonomia vire indiferença e que descrença termine em niilismo. *Faithless* não propõe religião substituta ou teologia sem Deus; mostra que uma existência sem crença sobrenatural pode permanecer aberta à profundidade, à responsabilidade e ao vínculo humano. Para a teologia, essa voz confirma que a busca por sentido também acontece fora das instituições religiosas e pode ampliar o diálogo.

REFERÊNCIAS

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*: introdução a uma espiritualidade sem Deus. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PEART, Neil. *Faithless*. Intérprete: Rush. Música de Geddy Lee e Alex Lifeson. In: Rush. *Snakes & Arrows*. [S. l.]: Anthem Entertainment; Atlantic Recording Corporation, 2007. 1 álbum sonoro, faixa 9. Disponível em: https://www.rush.com/songs/faithless/. Acesso em: 23 jul. 2026.

PEART, Neil. *O ciclista mascarado*: uma aventura de bicicleta na África Ocidental. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2016. E-book.